

“É PRECISO TER MUITA DEDICAÇÃO E AMOR”: a luta das lideranças comunitárias femininas em prol das pré-escolas da Sacramento- PA (1987–1991)

*Laise Evangelista de Miranda
Wellington da Costa Pinheiro*

Resumo

Este trabalho discorre sobre a temática do envolvimento de mulheres enquanto líderes de centros comunitários e clubes de mães na defesa da educação pré-escolar no bairro da Sacramento em Belém-PA nos anos de 1987 a 1991. O objetivo deste estudo é analisar o papel das lideranças femininas envolvidas na criação, organização e gestão de pré-escolas comunitárias. Metodologicamente, essa pesquisa possui caráter histórico e documental fundamentada na Nova História, fazendo uso de recortes do jornal paraense *O Liberal*, no encarte conhecido como Jornal dos Bairros, que em suas páginas divulgavam denúncias, bem como entrevistas sobre diversas temáticas e dentre elas, a situação da luta em prol da educação comunitária para crianças nos bairros belenenses feitas, principalmente, pelas lideranças femininas. Ao observar o desenvolvimento dessas pré-escolas, entendemos que as mulheres à frente das instituições tiveram um papel de destaque, pois essas se identificavam com as lutas em prol de melhores condições para educar, proteger e assistir aos pequenos da região. Os resultados revelaram que a atuação das mulheres foi fundamental para que esses estabelecimentos de ensino funcionassem, mesmo diante das precárias condições dos espaços e da baixa remuneração dos funcionários. Percebeu-se que mesmo diante das inúmeras dificuldades, as líderes comunitárias realizaram ações como rifas, bingos, bazares, arrecadação de alimentos, assim como buscaram ajuda governamental para manter o funcionamento das creches e pré-escolas e, assim, garantir cuidado e educação para a infância pobre.

Palavras-chave: lideranças femininas; educação comunitária; centros comunitários; clubes de mães.

“IT TAKES A LOT OF DEDICATION AND LOVE”: the struggle of female community leaders for preschools in Sacramento-PA (1987– 1991)

Abstract

This work discusses the theme of women's involvement as leaders of community centers and mothers' clubs in defending preschool education in the Sacramento neighborhood in Belém, Pará, between the years 1987 and 1991. The aim of this study is to analyze the role of female leaders involved in the creation, organization, and management of community preschools. Methodologically, this research has a historical and documentary character, grounded in the New History, makes use of clippings from the Pará newspaper *O Liberal* in the insert known as Jornal dos Bairros (Neighborhood Newspaper), which, on its pages, published denunciations and interviews on various topics, including the situation of the struggle for community education for children in Belém neighborhoods, carried out primarily by female leaders. Observing the development of these preschools, we understand that the women leading these institutions played a prominent role, as they identified with the struggles for better conditions to educate, protect and care for the children of the region. The results revealed that the women's actions were fundamental to the functioning of these educational establishments, even in the face of precarious conditions and low staff salaries. It was observed that, despite numerous difficulties, community leaders carried out actions such as raffles, bingo, bazaars, and food drives, as well as seeking government assistance to maintain the operation of daycare centers and preschools, thus ensuring care and education for impoverished children.

Keywords: female leadership; community education; community center; mothers' clubs.

HAY QUE TENER MUCHA DEDICACIÓN Y AMOR”: la lucha de las líderes comunitarias en favor de las guarderías de Sacramento (PA) (1987–1991)

Resumen

Este trabajo aborda el tema de la participación de las mujeres como líderes de centros comunitarios y clubes de madres en la defensa de la educación preescolar en el barrio de Sacramento, en Belém (Pará), entre los años 1987 y 1991. El objetivo de este estudio es analizar el papel de las líderes femeninas que participaron en la creación, organización y gestión de centros preescolares comunitarios. Desde el punto de vista metodológico, esta investigación tiene un carácter histórico y documental basado en la Nueva Historia, y utiliza recortes del periódico de Pará *O Liberal*, en el suplemento conocido como *Jornal dos Bairros*, que en sus páginas difundía denuncias y entrevistas sobre diversos temas, entre ellos la situación de la lucha en favor de la educación comunitaria para los niños de los barrios de Belém, llevada a cabo principalmente por las líderes femeninas. Al observar el desarrollo de estas guarderías, comprendemos que las mujeres al frente de las instituciones desempeñaron un papel destacado, ya que se identificaban con las luchas en favor de mejores condiciones para educar, proteger y atender a los más pequeños de la región. Los resultados revelaron que la labor de las mujeres fue fundamental para el funcionamiento de estos centros educativos, incluso ante condiciones precarias y bajos salarios del personal. Se observó que, a pesar de las numerosas dificultades, las líderes comunitarias llevaron a cabo acciones como rifas, bingos, bazares y colectas de alimentos, además de solicitar ayuda gubernamental para mantener el funcionamiento de guarderías y preescolares, garantizando así el cuidado y la educación de los niños de escasos recursos.

Palabras clave: liderazgo femenino; educación comunitaria; centros comunitarios; clubes de madres.

INTRODUÇÃO

Na década de 1980, os bairros mais afastados da capital Belém, no Pará, viviam um cotidiano marcado pela carência de infraestrutura, saneamento, serviços e direitos constitucionais básicos para a garantia da dignidade humana. A Sacramento, bairro tratado e estigmatizado como um subúrbio ou uma zona de periferia, era um exemplo de local que refletia essa realidade, cuja paisagem, decorrente do solo alagado pelas águas dos rios, estruturava-se de casas do tipo palafitas, que são habitações simples, erguidas em madeira acima do solo ou da água e que compõem o cenário característico de muitas localidades da região amazônica. Seus moradores eram representantes dos trabalhadores e reivindicavam por moradia, energia elétrica, esgoto, água tratada, saúde e educação, ou seja, demandas essenciais para a melhoria das famílias ali residentes (Farias; Machado, 2023).

No contexto em questão, as lideranças comunitárias, moradores do próprio bairro que mobilizavam seus pares na luta por melhores condições de vida, foram figuras centrais na tentativa de mudança da realidade marcada por mazelas sociais dessa localidade periférica. No âmbito da educação, as lideranças femininas foram fundamentais para que crianças tivessem acesso às creches e pré-escolas, assim como que as mães pudessem ter a possibilidade de formação e trabalho, haja vista que teriam onde deixar seus filhos.

Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo é analisar o papel das lideranças femininas envolvidas na criação, organização e gestão de pré-escolas comunitárias situadas na periferia de Belém do Pará, especificamente, no bairro da Sacramento, entre os anos de 1987 a 1991, a fim de

identificar as dificuldades enfrentadas, as estratégias adotadas por essas mulheres para conseguir manter esses espaços educativos em funcionamento.

Em termos metodológicos, o artigo é de cunho histórico e se insere no debate da Nova História, para Burke (1992), essa escrita da história, de origem francesa, ampliou o leque das fontes para além dos oficiais. Neste estudo, optou-se pelo jornal como fonte documental, especificamente, o jornal paraense *O Liberal* a partir do seu encarte intitulado “Jornal dos Bairros”, que circulava semanalmente e em suas páginas divulgava denúncias, assim como entrevistas sobre diversas temáticas vinculadas ao cotidiano dos bairros periféricos belenenses, sobretudo, reivindicações das lideranças comunitárias em prol da população carente desses locais (Miranda, 2025). O recorte temporal de 1987 a 1991 justifica-se pelo fato deste período apresentar um considerável quantitativo de manifestações das lideranças comunitárias, o que evidencia uma conjuntura de muitas demandas por parte das comunidades desses bairros.

Convém pontuar, de acordo com Barros (2023), que os jornais são permeados de posicionamentos em relação à realidade local, e isso se conecta aos interesses da sociedade, da política e da economia. Configurando-se como importantes instrumentos que fortalecem as lutas sociais, que podem ser investigadas pelos pesquisadores em variados momentos. Além disso, observa-se que os jornais resguardam muitas informações, contidas nos textos, nas imagens e nos posicionamentos que podem ser entendidos nas entrelinhas e nas vozes que os originam.

Ao se estudar as lideranças comunitárias femininas, a partir do jornal, intenciona-se contribuir com a produção acadêmica sobre as mulheres na história, que muito foram silenciadas e ainda se encontram de tal modo, em determinados temas e contextos, o que ocasiona, ainda, o não (re)conhecimento de representativas figuras femininas, de seus feitos, papéis assumidos, produção intelectual e artística, lutas, reivindicações, o seu legado em diferentes segmentos da vida humana, entre outros. Dessa maneira, produzir estudos que se propõem a dar voz e visibilidade às mulheres é um compromisso não somente histórico, mas político, em que os diversos tipos de fontes, segundo Perrot (2007), podem contribuir para que estas sejam visibilizadas, posto que em bibliotecas, nos livros, nas revistas e nos jornais emanam vozes femininas a serem encontradas.

NOTAS SOBRE A ATUAÇÃO FEMININA NO PROCESSO EDUCACIONAL

Historicamente, no Brasil, o processo de feminização do magistério se construiu na medida em que dentro dessa nação se projetaram, entre os séculos XIX e XX, diversas transformações nos âmbitos econômicos e sociais. Nesse sentido, por tradição, foi relacionado às mulheres o ambiente do lar, de modo que atribuiu-se como parte de sua natureza a submissão, a sensibilidade e a docilidade, enquanto que aos homens a independência, o ser forte e decidido. Ao longo dos anos, isso se firmou com o incentivo para as mulheres cursarem o ensino normal, difundindo o pensamento do ser professora como uma extensão do papel de mãe (Louro, 1989).

No decorrer do século XX, seguiu-se o pensamento de que o ato de educar as crianças era uma vocação feminina, além disso, essa era uma profissão que permitia que mulheres tivessem tempo para cuidar de seus lares. Como consequência desse processo, tem-se a desvalorização do trabalho feminino, que era visto como um complemento e tipicamente como uma ocupação feita para as mulheres.

A partir da Era Vargas (1930-1945), diversas ações foram implementadas no Brasil para incentivar a mulher a trabalhar fora do lar, de modo que seus filhos também fossem resguardados. Para Kramer (2011), nesse governo, o Ministério da Educação deu origem ao Departamento Nacional da Criança (DNCr), que basicamente seria um setor exclusivo para o atendimento da

infância e de caráter público. Além disso, a partir de 1952, foram criados os clubes de mães, os quais desempenhavam ações de caráter assistencialista e, com isso, pretendiam valorizar o trabalho feminino e dar atenção às crianças.

No decorrer dos anos de 1960 e 1970, foram criados diversos programas de proteção e integração voltados à infância no Brasil, dentre eles: a Casa da Criança, os clubes de mães, os planos assistencialistas para pré-escola, o desenvolvimento de ações da Legião Brasileira de Assistência (LBA), o Projeto Casulo, bem como aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases de 1961, que influenciou na educação pública em prol de melhorias na formação de professores e na oferta de mais matrículas para alunos (Ferreira, 2019).

Nesse cenário, havia uma mistura de pretensões relativas ao futuro das crianças que uniram os quesitos assistir, higienizar e educar. Sobre essa última demanda, Drouet (1990) afirma que a educação era para compensar as carências culturais das crianças pobres. Além disso, pretendia-se gastar menos recursos públicos, em que a pré-escola, com limitação orçamentária, não exigia que suas professoras tivessem formação em curso específico. Muitas dessas mulheres aprenderam nas entidades ou com as lideranças sobre o trabalho em sala de aula, recebendo instruções de como cuidar dos pequenos.

Nesse ínterim, nota-se que, a partir da década de 1970, as mulheres envolveram-se mais nas discussões políticas. Ao passarem a fazer parte de grupos e movimentos sociais, sejam ligados às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), feministas, partidárias, de associações ou aos centros comunitários, lutando pela existência de creches comunitárias que visavam o atendimento das crianças cujas mães eram trabalhadoras. Esse movimento se tornou frequente nas capitais do Brasil, com registros da participação e do envolvimento das mulheres em centros comunitários e clubes de mães, prezando pela abertura e funcionamento desses estabelecimentos de educação (Veiga, 2005).

Em Belém do Pará, na região do bairro da Sacramenta, foi identificada essa presença marcante das mulheres enquanto líderes desses centros comunitários ou clubes de mães, que em seu interior abrigava atividades voltadas ao ensino da pré-escola. Coincide o início desse tipo de atendimento com a origem das escolas comunitárias, que geralmente originavam-se dentro de comunidades de baixa-renda, as quais tinham suas crianças com demandas educacionais cuja a educação escolar estatal ainda não conseguia cobrir.

De acordo com Martins (1994), algumas características são marcantes nas escolas comunitárias, tais como: a instalação desses serviços educativos em espaços precários e muitos desses eram locais arranjados pelos próprios moradores, que utilizavam de improvisos em associações de moradores, pátios de igreja e afins. Essas escolas tiveram sua expansão na década de 1970, e as mais antigas são dessa década, em estados como Rio de Janeiro e em Belém do Pará. Em relação à expansão dessa modalidade, pontua-se que ela é fruto de esforços coletivos promovidos pelas mães, pais, moradores, professores e lideranças da comunidade que lutavam pela existência e manutenção desses espaços.

Em concordância, com essas ideias Vieira e Melo (1987) salientam como os espaços educativos de origem comunitária representavam locais que serviam para salvaguardar e assistir os pequenos, e o quanto foram fortemente implantados nas comunidades empobrecidas a partir de 1970. Esses espaços educativos surgem no interior dos movimentos sociais urbanos que, nesse contexto, lutavam contra os problemas sociais adjacentes das regiões periféricas, realizando reivindicações em prol de saneamento básico, transporte público, por vias urbanas organizadas e contra o aumento do preço dos produtos de modo abrupto.

Destaca-se também que as pré-escolas comunitárias tiveram diversos pontos de origens, nas quais as mulheres tornaram-se as principais fundadoras. Elas tentavam sanar a ausência da mãe

que precisava trabalhar fora, crises na economia, falta de espaços educativos públicos, mudanças na quantidade populacional de uma região, alta demanda de maus-tratos na infância. Isto é, eram pessoas tentando resolver demandas coletivas (Filgueiras, 1994).

Nesse sentido, é essencial conhecer as lideranças que estavam à frente desses centros comunitários e clubes de mães. Segundo Oliveira (2022), as mulheres que estavam na liderança dessas instituições conseguiram, por meio de seus trabalhos, mostrar para sociedade que as mães podiam se organizar e que as pessoas vulneráveis podiam ter atenção nesses espaços. Isso contribuiu para abertura de creches e outros auxílios para uma parcela da população pobre.

Milagres e Rago (2023) enfatizam que as mulheres em cargo de liderança desenvolvem tanto as atividades relativas ao trabalho profissional quanto os afazeres do lar, de forma que a sociedade impõe que a mulher possui mais aptidão para esses “deveres” e que isso deve ser sua responsabilidade. Esse pensamento foi construído e disseminado entre as gerações anteriores e sua permanência na sociedade atual mostra a necessidade da reforma destes princípios, colaborando para o enfrentamento as múltiplas formas de discriminação de gênero.

Logo, faz-se necessário trazer à tona uma escrita histórica na qual as mulheres periféricas são as principais mantenedoras de espaços de educação para crianças em situação de vulnerabilidade, para que essas sejam (re)conhecidas como pessoas que ajudaram as famílias empobrecidas a terem o direito básico de acesso à educação para seus pequenos. Nesse sentido, é como se as mulheres, por natureza, tivessem mais aptidão para tratar e cuidar dos mais vulneráveis (crianças, idosos, doentes), o que revela uma construção social que define os papéis sociais apropriados para homens e mulheres (Scott; Louro; Silva, 1995).

A ATUAÇÃO DAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS FEMININAS NO BAIRRO DA SACRAMENTA

Nas periferias da capital paraense, surge a partir da década de 1960, vários espaços de mobilização e organização popular, formados principalmente pelos centros comunitários, clubes de mães e creches comunitárias. Sua contribuição para a educação de Belém é apresentada nos relatórios de gestão da prefeitura, sendo contabilizadas as salas de aula destes espaços improvisados e institucionalizados.

Estes espaços, além da educação, serviam constantemente como espaços de mobilização local para o atendimento de demandas imediatas relacionadas à saúde, moradia, saneamento básico, entre outras. No entanto, tais informações são apresentadas superficialmente pela maioria das fontes, como os relatórios citados acima, das gestões de Nélcio Dacier^{1 2} (1986–1989), que destacam o papel destas entidades locais como porta-vozes comunitários.

¹ Mensagem apresentada à Câmara Municipal de Belém pelo prefeito Eng. Nélcio Dacier Lobato, Prefeitura de Belém, Belém-PA, 1972-1973. Neste relatório, é dito que na escola do Centro Comunitário União dos Amigos do Bairro da Sacramenta, no ano de 1971, foram concedidos cerca de 9.740,00 cr\$ em subvenções para manter esse centro e atender 245 alunos. Em seguida, também é relatado que, no ano de 1974, foram recebidos 26.800,00 cr\$ de subvenção para o atendimento de 335 crianças. Esses dados conseguem demonstrar que a pré-escola comunitária foi alvo de investimentos por parte da Prefeitura de Belém e ao longo dos anos, esse atendimento foi se ampliando e recebendo cada vez mais alunos (Belém, 1973).

² Os dados apresentados no Relatório da gestão de Coutinho Jorge enquanto prefeito de Belém afirmam que, a partir de 1987, a assistência aos menores foi entendida como uma prioridade da gestão. Dessa forma, neste mesmo ano foram abertas mais 14 pré-escolas comunitárias e totalizou 60 estabelecimentos desse tipo na capital. Esses espaços atendiam cerca de 10 mil alunos de áreas periféricas e faziam acompanhamento educativo, alimentar e assistencial prioritariamente na faixa etária de 0 a 6 anos (Belém, 1988).

Tabela 1: Identificação das lideranças que dirigiam os espaços educativos comunitários no bairro da Sacramento-PA

Nome da instituição	Liderança
Centro Comunitário São Benedito	Nazaré Santos
Centro Comunitário 1º de Setembro	Cledivan Socorro
Creche Municipal Comunitária da Sacramento	Lúcia Motta
Clube de Mães da Sacramento	Brígida Modesto
Clube de Mães Santa Inez	Maria Raimunda
Escola Comunitária São José	Maria Antônia Sarmento
Escola do Comunitário União dos Amigos do Bairro da Sacramento	Maria Madalena Marques

Fonte: Elaborada pelos autores (2026).

Os estabelecimentos de pré-escola comunitária implantados no bairro da Sacramento em suma eram dirigidos por mulheres que eram mães, trabalhadoras, educadoras e se mobilizavam frente à necessidade de educar os pequenos que não tinham acesso à educação pública por conta da idade ou pela falta de vagas. E, para que essas crianças não ficassem sem estudar, essas mulheres iam à luta e abriam esses espaços educativos com o intuito de protegê-las e educá-las. As líderes comunitárias foram importantes na luta em favor das pré-escolas na periferia, pois viviam nessa localidade e sabiam das necessidades diárias da população.

Os centros comunitários e os clubes de mães que atuavam na Sacramento mostram-se como importantes pontos de reivindicação popular. De acordo com Silva (2023), esses espaços foram usados pela comunidade em diversos momentos e atuaram como núcleos de catequese, espaços para organizar greves de professores e principalmente o centro comunitário 1º de setembro, destacou-se, nos anos de 1980, tanto na luta por moradia para a população, como também foi um local de apoio à campanha “Escola para todos” e constantemente recebia reivindicações por parte dos moradores para que este bairro tivesse mais escolas.

Costa (2001) pontua que as escolas comunitárias eram implantadas em regiões periféricas e possuíam uma particularidade que era o fato de ter como representante do estabelecimento um membro da comunidade. Essa pessoa geralmente tinha influência nesse meio e muitas vezes era um cargo exercido pelos líderes comunitários da região e atuavam na função de intermediários desses espaços comunitários com o poder público. Tinham em suas responsabilidades o gerenciamento desses espaços educativos, exercendo diversas funções, tais como gestores, professores e líderes que cobravam investimentos públicos para garantir o mínimo de qualidade às crianças.

Para Tiriba (2018), essas mulheres que se envolvem nas lutas por creches comunitárias, em geral, são pessoas da classe trabalhadora com disposição para gerir associações e centros comunitários, com o intuito de ofertar um ambiente saudável e alegre para os menores. Elas partilham o mesmo cotidiano que seus alunos, sabem sobre as ausências de seus arredores e essa

forma de sentir igual às crianças que lhes movia e dava fôlego para se organizarem. Elas certamente possuíam um saber fruto de suas vivências.

Em Belém, essas lideranças comunitárias seguiam as premissas descritas acima e eram pessoas que se colocavam como responsáveis para conseguir recursos humanos e financeiros para manter abertos os espaços educativos. Uma outra nomenclatura também pode ser dada a essas lideranças: o termo “sujeito fundador”, que foi proposto para designar as pessoas que estavam envolvidas nas lutas sociais, como salienta (Quadros, 2018). Geralmente, estes acreditavam que os centros comunitários eram espaços de reivindicação por direitos fundamentais e essas lideranças eram os próprios que iam até as mídias locais ou autoridades políticas no intuito de fazer cobranças para melhorar as condições de vida em suas localidades.

O “Jornal dos Bairros” noticiou que, na Sacramenta, boa parte das pré-escolas disponíveis para a população era orientada por lideranças femininas. Essas mulheres mobilizavam a comunidade e as autoridades com a premissa de garantir: materiais didáticos, materiais para melhorar as instalações físicas dos centros comunitários em que as crianças eram recebidas, por merendas e pela ampliação do corpo docente, administrativo, bem como por melhores salários, ou seja, eram diversas frentes nas quais elas estavam envolvidas.

A líder comunitária Maria Raimunda, Figura 1, à frente do Clube de Mães Santa Inês, em entrevista no “Jornal dos Bairros”, informou “Depois de muitos anos de luta, o Clube ergueu sede própria, [...], antes disso, todas as atividades eram desenvolvidas na casa de Maria, que, conforme ela mesma diz, não dispõe nem de espaço suficiente e nem recursos para expandir os trabalhos” (O Liberal, 8 nov. 1990, p. 5).

Figura 1: Maria Raimunda, líder do Clube de Mães Santa Inês



Maria Raimunda Dias

Fonte: O Liberal (8 nov. 1990, p. 5).

Diante disso, observa-se que Maria Raimunda estava expondo uma das principais dificuldades relativas ao funcionamento da educação pré-escolar comunitária instalada em clubes de mães, que era a necessidade de local próprio para o desenvolvimento de suas ações. Seu depoimento expõe que lutas foram travadas para chegar a ter uma sede e que, antes desse feito, buscava suprir a falta de espaço levando as crianças para serem educadas no seu lar, ou seja, identificava que tinha um público a ser atendido, mas faltava lugar. Então, a partir de seus próprios meios, tentava suprir essa necessidade.

Tiriba (2018) destaca que as escolas comunitárias não tiveram um planejamento concreto para passarem a existir, mas surgiram a partir de demandas das próprias comunidades. Os filhos e filhas nascidos na pobreza precisavam ser educados, o que acabava por impulsionar certos moradores a tomar essa responsabilidade e a não esperarem por ações governamentais, de modo

que, na própria batalha pela sobrevivência, abriam e geriam escolas sob seus próprios custos. As principais responsáveis pela gestão das escolas comunitárias eram mulheres da própria periferia. E muitas dessas fundadoras começaram esses trabalhos a partir de um sentimento de solidariedade tanto para com os pequenos quanto para com seus familiares.

Historicamente, os clubes de mães tinham como foco valorizar as mulheres do lar por meio da educação. Para isso, era comum que nesses espaços fossem desenvolvidas as filosofias associadas à prestação de uma assistência social promovida pelos membros da própria comunidade, na qual era normatizado o trabalho voluntário tanto das monitoras como das lideranças e que essas ações ocorressem em locais próximos às moradias das mães para que pudessem participar (Rosemberg, 1992).

A abertura de escolas comunitárias geridas pelos próprios moradores das periferias se mostra como uma realidade desse tempo, um exemplo disso é o próprio Clube de Mães Santa Inez. Para Filgueiras (1994), as mulheres que estavam à frente das creches comunitárias eram bastante esforçadas. Mesmo diante da falta de verbas, mediante as duras críticas de parentes, mantinham o empenho para conseguir esses recursos, uma vez que tinham consciência de que não podiam abandonar a prestação desse serviço que era muito importante para as comunidades.

Adiante, destaca-se a atuação da líder do Clube de Mães da Sacramenta que se chamava Brígida Modesto, Figura 2, a qual aproveitou a entrevista cedida ao “Jornal dos Bairros” para comentar acerca da sua indignação perante a dificuldade de conseguir apoio para manter em funcionamento esse espaço.

Brígida Modesto comentou que já andou por vários órgãos públicos e entidades particulares em busca de ajuda financeira ou material. A esperança em conseguir ajuda externa acabou, pois esta recebeu uma carta da Ação Comunitária, comunicando que o órgão não tinha condições de atender aos pedidos dessa entidade, [...], diante disso, Brígida está esperando a colaboração dos próprios moradores nas promoções a fim de arrecadar fundos. (O Liberal, 24 out. 1991, p. 6).

Figura 2: Líder Brígida, do Clube de Mães da Sacramenta



Brígida Modesto: apoio

Fonte: O Liberal (24 out. 1991, p. 6).

Ante o exposto, nota-se a tentativa feita pela liderança Brígida para conseguir um mantenedor ligado ao setor público para o desenvolvimento de ações no Clube de Mães da Sacramenta. Diante dessa negativa, esta mulher passou a contar com o apoio vindo dos moradores da Sacramenta, isto é, para suprir as necessidades desse tipo de estabelecimento, era necessário que liderança fosse em busca de recursos com o auxílio dos governantes ou com os próprios moradores do entorno do estabelecimento.

Campos e Haddad (1992) apontam que a Carta Magna de 1988 abria brechas para que recursos públicos fossem enviados a entidades comunitárias, no formato de firmar convênios, isso descentralizava as responsabilidades para com as crianças. Contudo, na realidade os repasses eram problemáticos, pois enfrentavam dificuldades para manter os convênios e só as entidades com mais recursos conseguiam manter tal feito.

Diante disso, percebe-se que o clube de mães, o qual Brígida dirigia, não teve êxito ao tentar firmar convênio com órgão público. Este estava enfrentando dificuldades para se manter aberto e contava com os membros dessa comunidade para seguir ajudando as mães e as crianças necessitadas.

Ferreira (2010), ao realizar investigações em Minas Gerais, na década de 1980, identificou o envolvimento da comunidade na promoção das creches comunitárias da capital, cujo apoio que vinha dos moradores era requerido quando esses estabelecimentos de educação se viam sem recursos. As lideranças, então, mobilizavam a comunidade na participação dessa ajuda que provinha de convênios, festas e outras promoções, as quais mitigavam os problemas financeiros desses espaços.

No bairro da Sacramenta, as fontes revelam indícios desses dois clubes de mães dirigidos por duas mulheres que, mesmo diante das precariedades, não hesitavam em manter esses espaços abertos e com o intuito de ajudar a comunidade. Segundo Pedro (2012), os clubes de mães eram espaços coletivos comuns na década de 1980, em sua maioria, instalados em bairros populares, que ofertavam aos moradores cursos profissionais e eram usados para promover discussões a respeito da situação vivida nessas comunidades. Nesses ambientes, muitas das mulheres responsáveis por esses estabelecimentos observavam a situação das crianças que viviam no entorno e o quanto necessitavam de atendimento educativo, o que fazia com que essas líderes fossem até as autoridades para cobrar melhorias.

A respeito do empenho e da dedicação das mulheres enquanto chefes responsáveis por melhorias nas creches comunitárias, Vieira e Melo (1987) salientam que as mulheres à frente das escolas instaladas em centros comunitários nesse período eram engajadas. Elas faziam reuniões com a comunidade para aumentar o entrosamento e aperfeiçoar a relação dos moradores com esses espaços educativos. Criavam comissões para resolver os problemas dos estabelecimentos, iam atrás das mães que precisavam de atendimento educativo para seus filhos e buscavam auxílio perante as autoridades públicas, de modo a reivindicar a assistência destinada ao público infantil quando essa partia de políticos ou outras entidades.

Nesse sentido, o cargo de liderança comunitária exercido pelas figuras femininas mostrava a capacidade de agirem como cidadãs ativas que não mediam esforços para conseguir os recursos necessários para manter esses clubes e centros comunitários. Com empenho, iam até os órgãos públicos ou privados em busca de auxílio. Logo, a atuação delas era vital para manter as pré-escolas comunitárias em funcionamento na Sacramento, atendiam as crianças no interior desses espaços e, mesmo com dificuldades, seguiam colaborando com o desenvolvimento da comunidade.

Uma situação muito corriqueira nas pré-escolas instaladas no interior dos centros comunitários diz respeito à dificuldade em relação ao pagamento das profissionais que estavam envolvidas no processo educativo das crianças. Na Escola União dos Amigos do Bairro da Sacramento, a diretora, de nome Madalena, mencionou em entrevista ao “Jornal dos Bairros”, que:

[...] os problemas da escola têm início com o baixo salário dos professores “eu ensino há 25 anos em escolas e hoje o meu salário é de Cr\$ 13.500,00”, reclamou. Como se isso não bastasse, o pagamento está atrasado 16 dias. Se por um lado, é inevitável que a insatisfação às vezes chegue às salas de aula, por outro é inegável que as professoras só estão ali mesmo por amor às crianças (O Liberal, 19 set. 1991, p. 6).

O relato da liderança Madalena expõe uma triste realidade vivida pelas profissionais que educavam nesses espaços improvisados: o descaso com o salário das profissionais. Isso gerava certo grau de frustração, pois era difícil trabalhar sem remuneração. Contudo, as professoras acabavam enfrentando essa dificuldade, porque as crianças do bairro necessitavam de seus serviços. Então, o amor é descrito como um elo fundamental para que essas mulheres atuassem e se tornou um forte aliado nesse processo educativo.

Essa situação relatada na Escola União dos Amigos do Bairro da Sacramento também foi apresentada em outra pré-escola, a qual foi instalada no Centro Comunitário 1º de Setembro. Conforme, Cledivan Socorro, a responsável pelo estabelecimento:

O pagamento das monitoras da escola fica sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Semec). Entretanto, apesar de receberem meio salário-mínimo, elas ainda não foram pagas. A desculpa para o atraso é a greve do banco Banpará, [...], com esse meio salário, o nosso trabalho, na verdade, é voluntário (O Liberal, 19 set. 1991, p. 5).

Outra vez, é externalizada pela liderança a dificuldade com relação ao recebimento do salário-mensal das profissionais que trabalhavam nessas unidades educacionais comunitárias. Pontua-se tanto a baixa remuneração quanto a falta de compromisso de pagamento do valor em dia. Tais fatores causavam indignação nessas profissionais que, mesmo com esse problema, mantinham seus serviços e, para continuar trabalhando, associavam suas funções ao lado sentimental ou ao voluntariado.

O trabalho em creches comunitárias era uma das vias para que as mulheres trabalhassem fora do lar naquele tempo. Mostrando-se como uma oportunidade de exercerem suas funções

mesmo diante das precariedades da função. Frequentemente, recebiam baixos salários e quando elas eram indagadas se gostavam desse tipo de trabalho, a grande maioria afirmava que estavam por conta do amor às crianças (Cruz, 2004).

As atividades desenvolvidas pelas mulheres dirigentes das creches comunitárias mostravam-se como um trabalho com múltiplas funções: elas eram babás, professoras e exerciam a função de preservar a vida das crianças como se fossem suas mães. Além disso, por serem, em suma, voluntárias precisavam constantemente criar estratégias para manter os estabelecimentos em funcionamento, o que consistia em uma árdua missão (Vieira; Melo, 1987). No entanto, mesmo diante dos empecilhos, as lideranças das escolas comunitárias destacavam o afeto e amor como forças que as motivavam a continuar trabalhando, configurando-se como uma prática educativa exercida com permanência e amor, a qual reflete o dever do professor compromissado, zeloso, mas sem deixar de lado a luta pelos direitos dos alunos (Freire, 1996).

Destarte, é possível perceber nos relatos dessas lideranças, enquanto diretoras das creches comunitárias, as seguintes qualidades: zelo, amor e a defesa política por esses espaços educativos tão necessários aos moradores da Sacramenta. Novamente, é citada a necessidade da prática educativa amorosa, na descrição da liderança Maria Sarmento, figura 3, da Escola Comunitária São José “[...] é preciso ter muita dedicação e amor para continuar dando aulas. Mesmo com tantos problemas, inúmeras crianças tornaram-se dependentes das escolas comunitárias, atraídas principalmente pela merenda fornecida pela Fundação de Assistência ao Estudante” (O Liberal, 3 out. 1991, p. 5).

Figura 3: Maria Sarmento, líder da escola comunitária São José



Fonte: O Liberal (3 out. 1991, p. 5).

Novamente, o amor é citado como uma característica das dirigentes dessas pré-escolas, isso se deve em grande parte pelos problemas relativos às dificuldades para manter esses espaços em funcionamento e por conta do público que ali era atendido. Em suma, eram crianças empobrecidas que iam até esses estabelecimentos em busca de serem alimentadas, ou seja, a oferta da merenda escolar era o que os atraía para estudarem. Nesse sentido, os convênios se tornam importantes em razão de serem as formas como essas pré-escolas comunitárias conseguiam mantimentos para serem servidos aos estudantes, e apesar dos limites, prezavam em fornecer alimentos balanceados e saudáveis (Rosemberg, 1982).

No Clube de Mães Santa Inez, por exemplo, Maria, a sua liderança feminina, lutava em prol do recebimento do leite para as crianças que eram assistidas por lá, denunciava com certa indignação que “[...] as entidades não estavam recebendo cotas. Atendemos 150 crianças carentes. O leite é um benefício fundamental para elas” (O Liberal, 8 nov. 1991, p. 5). Essa queixa expõe o quanto esse clube de mães servia como um instrumento para conseguir a alimentação, que era algo importante na vida desses pequenos e o quanto essa falta impactava a vida deles. Para Diniz (2018), os clubes de mães foram muito importantes tanto na luta pela criação de creches nas periferias quanto por trazer melhores condições de vida para os moradores dessas localidades.

Na contramão dos investimentos, a demanda por vagas era crescente. Na escola do Centro Comunitário São Benedito, a liderança comunitária Nazaré Santos, figura 4, afirmou que “[...] o estabelecimento possui cerca de 280 alunos, número este que tende a aumentar a cada ano, devido à grande procura por vagas no lugar. Sempre cabe mais um” (O Liberal, 24 out. 1991, p. 5). O relato dessa líder comunitária revela que, apesar das limitações desses espaços, ainda se buscava ajudar e tirar as crianças da vulnerabilidade, a fim de lhes oferecer o mínimo de oportunidade para proteger e educar essa infância.

Figura 4: Nazaré Santos, liderança na escola do Centro Comunitário São Benedito



Fonte: O Liberal (24 out. 1991, p. 5).

Ressalta-se que creche comunitária em uma comunidade de baixa-renda se tornava um local que ia para além da oferta de educação para as crianças, tendo em vista que os moradores do seu entorno procuravam auxílios, consistindo em um ponto de apoio para quem ali residia, funcionavam como pontos de referências em cuidados paliativos na saúde e na distribuição de alimentos (Filgueiras, 1994).

Em termos estruturais, mesmo com limitado recurso para as creches e pré-escolas, as lideranças comunitárias femininas buscavam oferecer um ambiente higiênico e seguro para as crianças. A líder comunitária Lúcia Motta, responsável pela Creche Municipal Comunitária da Sacramento, um dos estabelecimentos do período que mais carecia de melhores condições estruturais, mencionou que na referida instituição, “[...] embora esteja localizada numa área de grande incidência de ratos e insetos, na passagem São Sebastião, próximo do canal São Joaquim, as crianças estão imunes, porque o prédio possui vedação” (O Liberal, 30 nov. 1987, p. 5).

Cabe ressaltar que era comum que órgãos públicos, mantenedores dessas instituições comunitárias, realizassem observações sobre as suas instalações, na intenção de verificar se os ambientes se encontravam limpos e em condições de higiene, aspectos levados em consideração enquanto critérios para firmar parcerias. A Legião Brasileira de Assistência (LBA), por exemplo, enviava técnicos para conferir nessas escolas a geladeira, o espaço físico, o depósito, a fim de observar como o ambiente estava no quesito organização. Com isso, criavam-se fichas de avaliação do local, que serviam como parâmetro para avaliar se continuavam ou não com a manutenção dos seus auxílios.

A partir das explanações acima sobre o envolvimento e atuação das lideranças comunitárias femininas no processo de organização das pré-escolas estabelecidas na Sacramenta, nota-se o quanto elas eram engajadas, responsáveis e colaboradoras dessa educação para as crianças pobres da região. Estavam sempre em alerta nas condições desses estabelecimentos, na luta por materiais escolares, na garantia de vagas, na preocupação com o bem-estar do público que atendiam. Essas mulheres possuíam o perfil adequado enquanto agentes de melhorias de condições de vida em seus meios, pois conheciam os problemas locais e criavam formas de minimizar isso diariamente.

As denúncias feitas pelas lideranças Cledivan Socorro e Maria Madalena sobre as dificuldades para receberem por seus trabalhos nesses espaços comunitários são elementos revoltantes, que evidenciam a dura realidade vivenciada por essas mulheres. Essa precarização salarial tanto com as coordenadoras dos estabelecimentos e consequentemente com as docentes não era uma exclusividade das creches comunitárias, mas também de quem trabalhava no atendimento das crianças com idade entre zero e seis anos nas regiões centrais geridas pelo estado ou município, o que refletia a falta de valorização, bem como a ausência de formação para as professoras desse segmento (Andrade, 2004).

Contudo, elas resistiam e buscavam outras formas de suprir suas necessidades escolares e salariais, seja usando suas ideias para promover eventos ou indo em busca de novos mantenedores, pois estas acreditavam que tinham um compromisso com as crianças e as famílias residentes deste bairro. Para Veiga (2005), a luta dessas mulheres por creches foi capaz de dar vida a esses espaços comunitários de educação e de incentivar que elas tivessem um papel social vital para o desenvolvimento da sociedade. Elas se sensibilizavam com o fato das mães que trabalhavam não terem com quem deixar seus filhos. E, assim, se organizavam para resolver a situação tanto dessas mães quanto das crianças e com isso eram cidadãs protagonistas.

Por conseguinte, centros comunitários e os clubes de mães da Sacramenta eram os espaços de trabalho em que essas mulheres atuavam. Davam conta de que além de educar e proteger, também ajudavam a população a resolver outras situações diárias. Para Joaquim (2013), os clubes de mães e outros movimentos sociais originam-se dentro da sociedade por conta da má distribuição de renda, o que faz com que a classe trabalhadora sofra pela falta dos bens de consumo e outros recursos que são frequentes para a elite dominante.

Outrossim, as lideranças comunitárias possuem algumas características em comum que formam o perfil desse tipo de atuação. Em tese, são pessoas com amplo leque de contatos com agentes do mundo público, seja com membros de outras associações nas redondezas de suas localidades ou com autoridades de repartições públicas. Normalmente, essas lideranças possuem uma trajetória marcada por experiência em partidos políticos, sindicatos e outros tipos de locais que envolvam a produção de debates nas comunidades. Além disso, são pessoas que sabem conversar e chamam a atenção dos moradores para manter esse diálogo acerca das dificuldades encontradas onde residem (Duarte, 2017).

A maioria dessas características foi encontrada no perfil das lideranças femininas atuantes e responsáveis pelos centros comunitários, clubes de mães e outros espaços que mantinham a pré-

escola na Sacramento. Eram fundadoras que aproveitaram as matérias do “Jornal dos Bairros” para comunicar a sociedade das mazelas: carência de merendas, espaço inadequado, falta de apoio financeiro do setor público ou privado.

Na década de 1980, esse tipo de pré-escola era encarado como uma solução para os pobres, que usavam espaços simples e abandonados de suas redondezas como: galpões, pátios de igrejas e entidades de bairro para oferecer um trabalho mínimo na promessa de tirar essas crianças das ruas. As lideranças desses espaços eram os principais responsáveis por recrutar pessoas da comunidade para trabalhar como voluntários com o slogan: façam pela melhoria do bairro e de suas vidas (Rosemberg, 1992).

Na Sacramento, nos anos de 1987 a 1991, foram essas mulheres líderes desses estabelecimentos comunitários que tiveram que conseguir espaços para abrir as escolas e incutir na mentalidade da população local a necessidade de colaborar com o funcionamento desses locais. Por conseguinte, observa-se que as mulheres se destacaram como lideranças comunitárias, pois eram as principais envolvidas nos processos de luta de seus bairros e historicamente foram elas que deram início às primeiras creches comunitárias em suas localidades, pois estavam imersas nos processos de reivindicação por direitos básicos e muitas tinham experiência por atuarem em suas igrejas ou outras associações (Vieira; Melo, 1987). As mulheres à frente dos centros comunitários e clubes de mães destacam-se dentro da história como aquelas formadoras de pré-escolas comunitárias e pessoas experientes na função. Igualmente, a essas características, as mulheres que encontramos indícios nessa pesquisa deram origem e mantiveram a maior parte dos espaços educativos dessa região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das lideranças comunitárias femininas, a partir do “Jornal dos Bairros”, envolvidas na criação, organização e gestão de pré-escolas comunitárias localizadas no bairro da Sacramento, periferia de Belém-PA, entre os anos de 1987 a 1991, permitiu visibilizar o papel de mulheres pobres, periféricas, negras e com pouca instrução, mas com um compromisso social e político para com a sua comunidade e os sujeitos que ali residiam. Enfrentaram o descaso do poder público e dificuldades de toda ordem para manter esses espaços educativos em funcionamento, não se envergonhavam ou se esmorecia perante os problemas, pelo contrário, criavam diferentes estratégias: rifas, bazares, festas, bingos, assim como faziam reivindicações diretas às autoridades públicas.

Essas mulheres, ao assumirem o papel de lideranças comunitárias de pré-escolas na Sacramento, atuaram de forma positiva na educação das crianças pertencentes à localidade em que estavam inseridas, a partir de seus esforços diários, em face da baixa remuneração, carência de material, espaço precário, falta de mantenedores, entre outros. Além disso, por meio de suas reivindicações e compromisso, conseguiam, muitas vezes, ampliar as demandas para outros grupos como adultos, idosos e doentes.

As lideranças femininas atuantes da direção das pré-escolas, nos centros comunitários ou clubes de mães tinham comprometimento com suas funções, um compromisso que, além de político e social, era também pautado no amor e na dedicação nas ações destinadas às crianças, assim como na trajetória de mulheres mães, que, ao terem onde deixar seus filhos e filhas, puderam atuar fora do lar, seja para aumentar a renda familiar seja para buscar formação profissional. Este ponto demonstra o quanto essas escolas ajudavam tanto as crianças quanto beneficiavam suas responsáveis.

Por fim, cabe destacar que o estudo apontou, também, que ainda são poucas as pesquisas sobre as lideranças comunitárias, que, apesar de terem seus “gritos” a favor dos seus pares que necessitavam de ajuda registrados em fontes como o “Jornal dos Bairros”, ainda carecem de investigações que evidenciem suas trajetórias e seus impactos no cotidiano das comunidades e na vida das pessoas pobres que foram atendidas por ações, instituições e projetos oriundos de suas lutas. Nesse sentido, produzir conhecimento que dê voz, protagonismo, que tire do silenciamento essas mulheres é um compromisso social e político, tal qual essas lideranças assumiram com e para tantas pessoas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Teresa; MÉRIDA, Alexandre; PESSOA, Eurídice. Jornais e revistas como fontes de pesquisa para a história das mulheres. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 1-18, 2025. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2025.91624>.
- ANDRADE, Rosimeire. A espera e a ociosidade na rotina das creches comunitárias de Fortaleza no período de adaptação das crianças. In: CRUZ, Silvia; PETRALANDA, Monica. *Linguagem e Educação da Criança*. Fortaleza: Editora UFC, 2004. p. 151-173.
- BARROS, José D'Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petropolis: Editora Vozes, 2023.
- BELÉM. *Mensagem à Câmara Municipal*. Belém: Prefeitura de Belém, 1973.
- BELÉM. *Mensagem à Câmara Municipal: relatório das atividades 1987*. Belém: Prefeitura de Belém, 1988.
- BRUSCHINI, Maria; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 4-13, 1988. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1179>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CAMPOS, Maria; HADDAD, Lenira. Educação infantil: crescendo e aparecendo. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 80, p. 11-20, 1992. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/998>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- COSTA, Márcio. Criar o público não-estatal ou tornar público o estatal? Dilemas da educação em meio à crise do Estado. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 41-51, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000300005>.
- CRUZ, Silvia. A creche comunitária na visão das professoras e famílias usuárias. In: CRUZ, Silvia; PETRALANDA, Monica. *Linguagem e Educação da Criança*. Fortaleza: Editora UFC, 2004. p. 127-150.
- DINIZ, Carlos Alberto Nogueira. *O protagonismo das mulheres nos movimentos sociais da periferia: memórias e experiências dos Clubes de Mães da zona sul de São Paulo (1972-1988)*. 2018. 203 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.
- DROUET, Ruth. *Fundamentos da educação pré-escolar*. São Paulo: Ática, 1990.
- DUARTE, Rute de Jesus. *Associações de moradores como espaços de aprofundamento democrático*. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

- FARIAS; William; MACHADO, Deyver. Dos Igapós ao asfalto: memórias e experiências sociais de moradores do bairro da Sacramento- a macrodrenagem como marco temporal. In: MOURA, Daniella; SILVA, Anderson (org.). *Belém sob o olhar da Sacramento*. Curitiba: CRV, 2023. p. 135-158.
- FERREIRA, Andrea. *O financiamento da Educação Infantil no contexto do FUNDEB em Belém (PA) – 2010 a 2015*. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) – Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- FERREIRA, Vanessa. *Creches comunitárias e democracia participativa: novas perspectivas à infância uberlandense (1983-1988)*. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.
- FILGUEIRAS, Cristina Almeida Cunha. A creche comunitária na nebulosa da pobreza. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 88, p. 18-29, 1994. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/912>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JOAQUIM, Maria Salete. *Militantes de Clubes de Mães*. São Paulo: Clube de Autores, 2013.
- KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOURO, Guacira. Magistério de 1. grau: um trabalho de mulher. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 31-39, 1989. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/278845>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- MARTINS, Maria. *Escolas Comunitárias: o processo de absorção pelo município do Rio de Janeiro*. 1994. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1994.
- MILAGRES, Ana; RAGO, Elisabeth. Impactos das desigualdades de gênero sobre o trabalho de mulheres em cargos de liderança. In: TUDDA, Luciane; PADULA, Roberto (org.). *Pesquisa discente no Curso de Administração da PUC-SP 2021*. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2023. p. 79-92.
- MIRANDA, Laise. *As pré-escolas comunitárias criadas no bairro da sacramento - Belém-Pa: - um estudo a partir do Jornal dos Bairros (1987-1991)*. 2025. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2025.
- O LIBERAL. *O Jornal dos Bairros*. Belém, 19 set. 1991.
- O LIBERAL. *O Jornal dos Bairros*. Belém, 24 out. 1991.
- O LIBERAL. *O Jornal dos Bairros*. Belém, 3 out. 1991.
- O LIBERAL. *O Jornal dos Bairros*. Belém, 30 nov. 1987.
- O LIBERAL. *O Jornal dos Bairros*. Belém, 8 nov. 1990.
- O LIBERAL. *O Jornal dos Bairros*. Belém, 8 nov. 1991.
- OLIVEIRA, Danielle de. Clubes de mães e educação popular: reflexões acerca das resistências tecidas na (s) periferia (s). *Revista Anômalas*, Catalão, v. 2, n. 2, p. 26-39, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/ra/article/view/7453>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- PEDRO, Joana. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla. *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 238-259.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

QUADROS, Camila. *Memória social e educação popular: um estudo sobre o ponto de memória da Terra Firme*, Belém – Pará. 2018. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro como perspectiva emancipatória. In: TELES, Maria Amélia de Almeida; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Por que a creche é uma luta das mulheres?* Inquietações femininas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 65-90.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação pré-escolar brasileira durante os governos militares. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 82, p. 21-30, 1992. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/910.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2026.

ROSEMBERG, Fúlvia; LIMA, Elvira Souza; CAMPOS, Maria Machado Malta; GOLDENSTEIN, Marlene; PINTO, Regina Pahim. Creche e trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 43, p. 01-47, 1982.

SILVA, Anderson. Memórias dos antigos da Sacramenta: conflitos e mediações em torno da questão da moradia em um bairro de Belém-PA (1970-1988). In: MOURA, Daniella; SILVA, Anderson (org.). *Belém sob o olhar da Sacramenta*. Curitiba: CRV, 2023. p. 77-92.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. *Educação & realidade*. Porto Alegre. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257862>. Acesso em: 15 jul. 2026.

TIRIBA, Lea. *Pré-escola popular: buscando caminhos, ontem e hoje*. São Paulo: Cortez, 2018.

VEIGA, Marcia. *Creches e Políticas Sociais*. São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1257>. Acesso em: 15 jul. 2026.

VIEIRA, Livia; MELO, Regina. A creche comunitária “Casinha da Vovó”: Prática de manutenção/Prática de Educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 62, p. 60–78, 1987. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1257>. Acesso em 06 ago. 2026.

Submetido em junho de 2026

Aprovado em junho de 2026

Informações das autoras

Laise Evangelista de Miranda
Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: laimirand@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8070-1340>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7367280321926758>

Wellington da Costa Pinheiro
Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: wellingtonpinheiro@ufpa.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6717-2013>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3643230594440900>